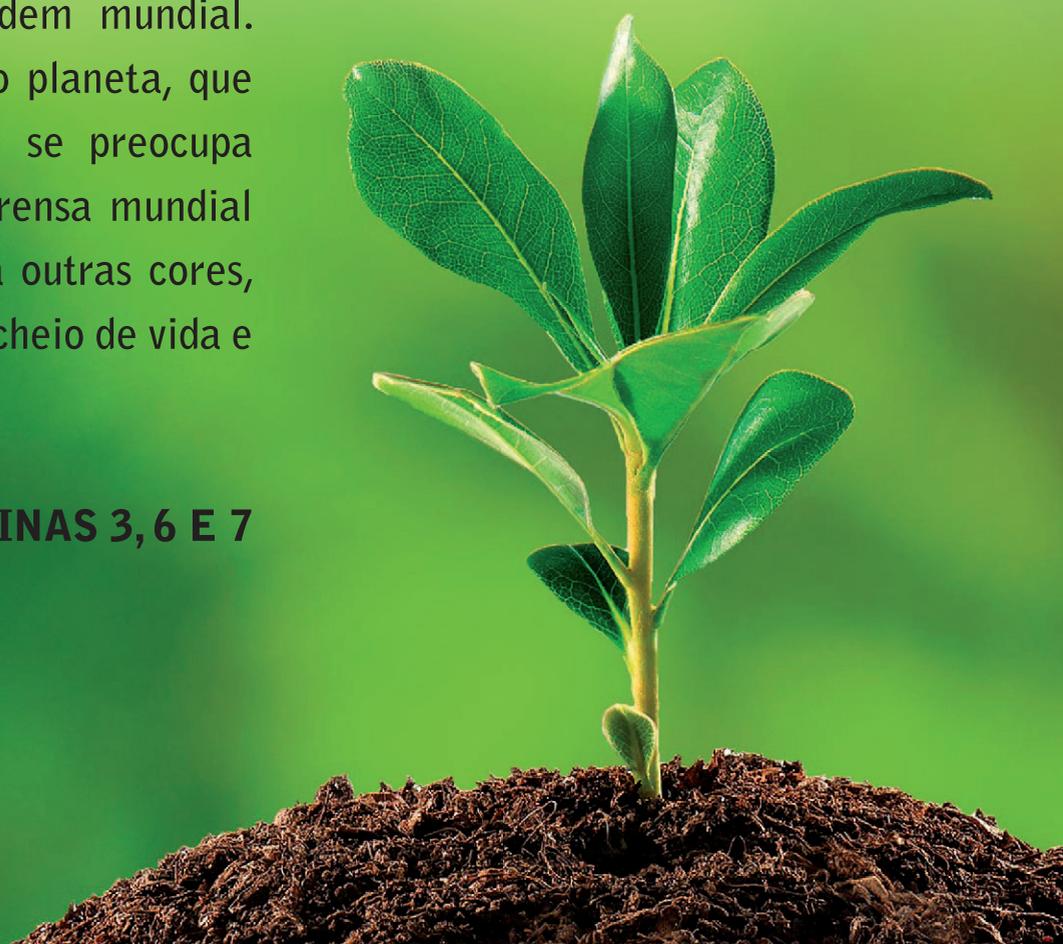


Terra: Mãe e Irmã

O Vaticano divulgou e o mundo inteiro se surpreendeu. A Encíclica *Laudato Si'*, escrita pelo Papa Francisco e publicada em função das comemorações do mês do Meio Ambiente, propõe uma nova ordem mundial. Uma visão integral do ser humano e do planeta, que contempla todos os seres vivos e que se preocupa com o bem comum. Chamado pela imprensa mundial de "Encíclica Verde", o texto apresenta outras cores, vibrantes e fraternas, como um arco-íris cheio de vida e de sonhos, repleto da bondade de Deus.

PÁGINAS 3, 6 E 7



MUSEU DAS REDUÇÕES

Criado em 1986, o Museu das Reduções permite aos visitantes fazer uma viagem única a diferentes edificações de várias regiões do Brasil. Da Câmara de Mariana ao Palácio do Planalto. Da Igrejinha da Pampulha ao Convento de São Francisco. Tudo em um mesmo lugar, confeccionado com destreza e mantendo a mais absoluta fidelidade.

PÁGINA 12



EXCLUÍDOS

O 21º Grito dos Excluídos, que acontece em todo o país no dia 7 de setembro, traz como objetivo geral "valorizar a vida e anunciar a esperança de um mundo melhor". Interpela-nos a criar ações que levem as pessoas a assumirem as lutas populares contra as injustiças e todos os males causados pelo sistema capitalista vigente no país.

Em seu discurso aos Movimentos Populares, na Bolívia, o Papa Francisco nos conclama a lutar por mudanças a fim de que todos, especialmente, os pobres tenham terra, teto e trabalho. "A Igreja não pode nem deve ficar alheia a este processo no anúncio do Evangelho", diz o papa.

PÁGINA 4

Mais uma vez, o Papa Francisco surpreende o mundo com a palavra e o compromisso ambiental. Refletindo sobre a natureza e, ao mesmo tempo, sua incidência humano-social, político-econômica. Cada vez mais, constata-se a ideia de que a natureza é criatura. Ser, terra, água, ar e tudo o que vive faz parte da correlação existente. Todos os seres vivos têm o direito de sobreviver numa realidade desafiadora à perpetuidade do ser.

Nunca se viu tanta destruição da natureza, do meio ambiente, da consciência e das formas existentes. A sujeira e a poluição, as mudanças climáticas agressivas, juntamente com o aquecimento global, levam a pensar a extinção da vida. A biodiversidade está ameaçada com a eliminação egocêntrica da fauna, da flora, conduzindo ao desequilíbrio ambiental sem medidas. Assiste-se à tela da exploração descabida e excludente dos pobres e miseráveis. A supereconomia, lembra o papa, propõe o desenvolvimento tecnológico em função do lucro e do capital. Quem mais vai sofrer essa discriminação serão as classes mais desfavorecidas, aquelas que não fazem parte do *status quo* do mercado e sua doutrina dominante. Por um lado, a pujança da economia e o paradigma tecnocrático, por outro, os bolsões da miséria. Simultaneamente à crise econômica, entrelaça-se a crise ambiental com a deterioração humana e social.

Francisco enfatiza que a “casa comum” do mundo é a natureza, a ecologia, e é preciso ter cuidado com o habitat natural da existência. A degradação moral acompanha a destruição da terra, que é mãe, no dizer dos povos indígenas. Vozes têm ecoado através dos movimentos ambientalistas, da Carta da Terra, dos Fóruns Sociais e outros similares gritos em favor da natureza e da vida. Transposição do Rio São Francisco, Usina de Belo Monte e outros projetos hidrelétricos, de maneira autoritária, não dão resultados humanos. Ao contrário, a depredação e a desvalorização da vida é o que alimenta projetos faraônicos, beneficentes ao grande capital em detrimento ao ser humano.

O pontífice, aquele que faz pontes, auxilia e convoca o mundo a uma tomada de consciência ecológica que seja capaz de enfrentar e provocar o modo renovável de viver. Uma agenda nova se faz presente e insubstituível na construção da casa comum a todos. Energia e água, dizem os movimentos sociais, não são mercadoria. O grito da natureza brada aos ventos por respeito e valorização condizente com a continuidade de ser simplesmente. Faz-se essencial a agenda dos ricos e pobres em favor da ecologia, da natureza no aspecto integral. É primordial superar a mentalidade fatalista do consumo exacerbado e da falsa concepção de que um dia nunca acabaria a água, a terra, o verde e tudo o que vive e respira. Sem postulados da tragédia apocalíptica, mas que faz “colocar a mão na consciência”, ou se faz a conversão que pede Francisco, ou a transgressão caminhará a passos largos para o caos, que já se principiou. Exige-se uma resposta ética, humano-ambiental para o que se pretende com a vida na terra. É o desafio lançado pelo Papa a uma sociedade carente de valores humanos e ambientais.



Vocação e Missão

Dom Geraldo Lyrio Rocha

Arcebispo de Mariana

Mês de agosto, Mês das Vocações. Vocação e missão, dois lados da mesma moeda. Ao chamado corresponde o envio. Quando Deus chama é sempre para uma missão. Assim foi com os Patriarcas e os Profetas, com Maria e o próprio Jesus, com os Apóstolos e é também com cada um de nós. As vocações são diversas, os carismas são muitos, os ministérios distintos, as funções diferentes, mas a missão é a mesma: Deus nos chama e nos envia para evangelizar. Hoje, como outrora, o Senhor contempla a multidão com grande compaixão, pois se encontra cansada e abatida, como ovelhas sem pastor. Continuam atualíssimas as palavras de Jesus: “A colheita é grande, mas poucos os operários. Pedi ao Senhor da messe que envie operários para a sua colheita” (Mt 9,36-38).

Na Carta Apostólica dirigida no início do novo milênio, diz o Papa São João Paulo II: “É necessário que a Igreja do terceiro milênio estimule todos os batizados e crismados a tomarem consciência da sua própria e ativa responsabilidade na vida eclesial. Ao lado do ministério ordenado, podem florescer outros ministérios para proveito de toda a comunidade ajudando-a nas suas diversas necessidades. Um generoso empenho certamente há de ser posto – sobretudo através de uma oração insistente ao Senhor da messe – na *promoção das vocações ao sacerdócio e à vida consagrada*. É necessário e urgente estruturar uma vasta e capilar *pastoral vocacional*, que envolva as paróquias, as escolas e as famílias. Em particular, deve-se descobrir cada vez melhor a *vocação própria dos fiéis leigos*” (cf. NMI 46).

Nessa perspectiva, a Arquidiocese de Mariana vem se empenhando na Pastoral Vocacional, levando em conta também o que diz o Documento de Aparecida: “No que se refere à

formação dos discípulos e missionários de Cristo, ocupa lugar particular a pastoral vocacional, que acompanha cuidadosamente todos os que o Senhor chama a servir à Igreja no sacerdócio, na vida consagrada ou no estado laical. A pastoral vocacional, que é responsabilidade de todo o povo de Deus, começa na família e continua na comunidade cristã, deve dirigir-se às crianças e especialmente aos jovens para ajudá-los a descobrir o sentido da vida e o projeto que Deus tem para cada um, acompanhando-os em seu processo de discernimento. Plenamente integrada no âmbito da pastoral ordinária, a pastoral vocacional é fruto de uma sólida pastoral de conjunto, nas famílias, na paróquia, nas escolas católicas e nas demais instituições eclesiais. É necessário intensificar de diversas maneiras a oração pelas vocações, com a qual também se contribui para criar maior sensibilidade e receptividade diante do chamado do Senhor; assim como promover e coordenar diversas iniciativas vocacionais. As vocações são dom de Deus; portanto, em cada diocese, não devem faltar orações especiais ao “Dono da messe” (DAP 314). Por sua vez, as Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, aprovadas pela CNBB, atualmente em vigor, afirmam com clareza: “Sem excluir outras vocações, a pastoral vocacional deve dar ênfase às vocações para o sacerdócio e a vida consagrada” (CNBB, Doc. 93, n. 101).

Ministros ordenados, consagrados e consagradas, cristãos leigos e leigas, somos todos vocacionados e enviados em missão, “seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes: Ele, sendo o Senhor, se fez servidor e obediente até à morte de cruz; sendo rico, escolheu ser pobre por nós, ensinando-nos assim o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários” (DAP 31).

Assine o PASTORAL

Faça seu depósito identificado em nome da Arquidiocese de Mariana, na Caixa Econômica Federal ou Casas Lotéricas, Agência: 1701 - Conta: 583-3 Operação: 003 e envie email com seus dados e confirmação de depósito para assinaturaspastoral@gmail.com

Valor da assinatura: R\$ 25,00 anual (12 exemplares)

PASTORAL Expediente

Periódico mensal, fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG

Endereço: Rua Dom Silvério, 51 Centro. CEP 35420-000 - Mariana/MG. Fone: (31) 3557 3167. Email: jornalpastoral@yahoo.com.br

Diretor: Pe. Wander Torres Costa.

Jornalista: Marcelo Martins - MG 06241JP

Conselho Editorial: Edina da Silva, Ester Trindade, Pe. Geraldo Martins Dias, Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. José Maria Coelho da Silva, Pe. Paulo Barbosa, Pe. Wander Torres, Carlos Heitor Fideles.

Produção: Editora Dom Viçoso. Rua Cônego Amando, 131 São José. CEP 35420-000 - Mariana MG. Fone: (31) 3557 1233. Email: edv@graficadomvicoso.com.br

Tiragem: 2.000 exemplares.

Pelos direitos fundamentais dos desfavorecidos

Albino Oliveira - MDA

O *Jornal Pastoral* propõe, nesta edição, um aprofundamento da Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco. Neste sentido, traz uma entrevista com o ministro do Desenvolvimento Agrário, Patrus Ananias, que é advogado e professor licenciado da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Foi ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome do Governo Lula e tem atuação histórica junto aos movimentos sociais e a Igreja Católica. Ao *Jornal Pastoral* ele afirma: “O valor maior que nós temos que preservar é a vida humana e a encíclica do Papa Francisco é comprometida com a vida.”



JORNAL PASTORAL: Como o senhor vê a publicação de um texto tão combativo vindo de um Papa?

PATRUS ANANIAS: Eu vi com muita alegria e esperança. É um documento que afirma a melhor tradição cristã no que diz respeito às questões sociais, mas que inova ao vincular a questão social à questão ambiental e propor um novo modelo de sociedade. O importante é que o que o Papa Francisco está dizendo encontra o maior respaldo na tradição cristã a partir, sobretudo, dos ensinamentos evangélicos.

JORNAL PASTORAL: O que o senhor destaca como mais positivo no texto publicado por Francisco?

PATRUS ANANIAS: Eu considero esta análise da questão ambiental vinculada à questão social. O Papa deixou muito claro que nós não podemos pensar e resolver as questões ambientais, relacionadas com a poluição nas suas diversas formas, o uso abusivo de agrotóxicos e sementes transgênicas, comprometimento da vida tanto no meio rural como nas cidades, a poluição das águas e mais do que isso, o fim mesmo dos recursos hídricos, dos ecossistemas. Tudo isso não pode ser pensado de uma forma isolada. Tudo isso deve ser pensado e nós devemos pensar soluções, considerando a questão dos pobres, inclusive porque os pobres, como diz o próprio Papa, são as principais vítimas da contaminação ambiental, da agressão ao meio ambiente e esta busca de uma solução integrada e integral dos problemas ambientais com os problemas econômicos e sociais me parece um anúncio da maior importância.

JORNAL PASTORAL: A produção de alimentos está diretamente ligada à defesa do meio ambiente. A encíclica ajuda a apontar direções neste sentido?

PATRUS ANANIAS: Sem dúvida. A encíclica é comprometida com a vida. O valor maior que nós temos que preservar é a vida humana. É em torno dela que nós nos organizamos em sociedade. Sabemos também que a vida não é uma abstração. O direito à vida pressupõe outros direitos relacionados com a alimentação, com a água, com o meio ambiente, com a moradia, com a educação, com a saúde, com o trabalho, com a cultura. E a produção de alimentos saudáveis, que efetivamente promovam a saúde e a vida das pessoas é uma questão que está posta hoje.

Nós precisamos refletir, e a encíclica aponta neste caminho, envolvendo pesquisadores, produtores, agricultores e também consumidores, as universidades, as igrejas, sobre o uso abusivo de agrotóxicos, de sementes transgê-

nicas, e o outro desafio, além da produção de alimentos em qualidade e quantidade, porque nós temos que resolver com urgência o problema da fome e da desnutrição no mundo. Coloca-se também esta questão da preservação dos recursos naturais, recursos hídricos e das águas, da preservação dos ecossistemas. Então, como conciliar a produção de alimentos, o desenvolvimento da agricultura, da agroindústria, principalmente da agricultura e da agroindústria familiares com a preservação do planeta para as crianças de amanhã. Para as gerações futuras.

JORNAL PASTORAL: O Papa Francisco também explora a questão da desigualdade social e relaciona degradação do ambiente natural com o ambiente humano. O que fazer no sentido prático para minimizar esta degradação?

PATRUS ANANIAS: Enfrentarmos, como de alguma forma estamos enfrentando no Brasil, estes desafios. A miséria, a pobreza extrema, a desnutrição, a fome, constituem problemas ambientais. A miséria, muitas vezes, está ligada à questão do saneamento básico, à contaminação das águas. Então nós temos que pensar de uma forma integral, de uma forma holística. Na verdade o Papa propõe um novo paradigma para enfrentarmos de forma conjunta os problemas econômicos, sociais, ambientais, culturais, e buscarmos alternativas. Eu penso que alguns caminhos já estão se delineando.

Aqui no Brasil nós temos um acúmulo muito razoável com relação, por exemplo, à questão do Fome Zero. O fato de que no ano passado, em 2014, a FAO, Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, tenha retirado o Brasil do mapa da fome, reconhecendo que nós estamos erradicando a fome e a desnutrição no Brasil, é uma conquista importante. O Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) vem buscando, cada vez mais, trabalhar a questão da agroecologia, a questão da produção de alimentos saudáveis, o uso respeitoso e correto da terra, da água e dos recursos naturais. Porque nós sabemos que a preservação ambiental é fundamental para garantir a alimentação das gerações futuras. Importante também nós buscarmos novos valores. O cooperativismo, além de criar sinergias e possibilitar o desenvolvimento da agricultura familiar de uma forma solidária, também aponta para a construção de novos valores, que superem individualismo e apontem na perspectiva do comunitarismo, dos valores sociais, de uma maior integração entre as pessoas e as famílias.

JORNAL PASTORAL: A agricultura familiar no Brasil trabalha em consonância com o que diz a encíclica?

PATRUS ANANIAS: Claro que nós podemos e devemos aperfeiçoar sempre. A encíclica sempre nos coloca novos desafios. Mas eu penso que temos feito coisas positivas no Brasil. Nessa perspectiva do desenvolvimento, especialmente da agricultura familiar, dos avanços necessários na reforma agrária, dentro de uma perspectiva que contemple também a questão ambiental, a questão da terra, a questão da água, do ar e dos ecossistemas. Como eu disse, nós estamos trabalhando a questão da agricultura familiar, vinculando muito a agroecologia, a produção de alimentos saudáveis, a produção de sementes crioulas, e estamos também discutindo com as comunidades, procurando envolver as universidades, as comunidades cristãs e outras tradições religiosas e culturais nesta discussão sobre os limites do uso de agrotóxicos e de sementes transgênicas.

JORNAL PASTORAL: O que mais o senhor destaca no texto do Papa Francisco?

PATRUS ANANIAS: Eu considero que o ponto fundamental da encíclica é quando ela renova e reafirma avançando, colocando novos desafios e novas possibilidades, a questão da função social da propriedade, das riquezas; a função social da terra. Aí vale, inclusive, citar diretamente o Papa, que eu considero um dos momentos mais luminosos e anunciadores da encíclica, porque nós precisamos cada vez mais compatibilizar o direito de propriedade com o direito à propriedade, que é o direito de todas as pessoas, famílias e comunidades serem proprietárias de bens como também os limites dos direitos de propriedade impostos pelo direito à vida. Pelo bem comum, que também é um tema muito bem trabalhado pela encíclica do Papa, onde ele diz expressamente quando ele trata da questão social: “toda a abordagem ecológica deve integrar a perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos. O princípio da subordinação da propriedade privada ao destino universal dos bens e conseqüentemente o direito universal ao seu uso é uma regra de ouro no comportamento social e o primeiro princípio de toda a ordem ético-social. A tradição cristã nunca reconheceu como absoluto ou intocável o direito à propriedade privada e salientou a função social de qualquer forma de propriedade. São João Paulo II lembrou esta doutrina com grande ênfase, dizendo que Deus deu a Terra a todo o gênero humano para que ela sustente todos os seus membros, sem excluir nem privilegiar ninguém”. Esta passagem da encíclica me tocou profundamente porque reafirma, com grande vigor, a tradição cristã no que diz respeito aos limites do direito de propriedade, considerando outros direitos fundamentais ligados à vida humana seja no campo pessoal, seja no campo familiar, seja no campo social e comunitário.

Arquidiocese participa da Romaria da Floresta

Um grupo de 22 pessoas da Arquidiocese de Mariana, formado por padres e leigos, esteve em missão na Prelazia do Xingu, no Pará, no mês de julho. Durante a missão, ocorreu a 10ª Romaria da Floresta, em memória à irmã Dorothy Stang, que teve como tema “A semente plantada brotou: nós somos a irmã Dorothy”.

Segundo padre Antônio Claret, que participou da missão, um dos objetivos da romaria é manter viva a imagem de irmã Doroth. “Irmã Doroth se faz presente através da luta do povo. Essas são pessoas de fé, que buscam se organizar e vivem a mesma luta contínua. E para nós que viemos da Arquidiocese de Mariana essa é uma inspiração muito grande”.

Caminhada

A Romaria, que caminhou 55 quilômetros, terminou com a celebração de uma missa, no dia 26 de julho, no local onde a irmã

Dorothy Stang foi assassinada, no projeto de desenvolvimento sustentável Esperança.

Segundo irmã Cátia, que trabalhou junto com a irmã Doroth na defesa do meio ambiente, a Romaria é em defesa da floresta. “Ao longo desses dias a gente lembra a história de quando o povo chegou aqui e não seguiu a orientação do governo de derrubar tudo, mas assumiu o compromisso de conviver com a floresta. E em cada dia de caminhada nós refletimos sobre um tema, que foram memória, rebeldia e esperança”.

Após a Romaria, os representantes da Arquidiocese se reuniram com o bispo do Xingu, dom Erwin Kräutler, além de conhecer a situação gerada pela barragem de Belo Monte, com representantes do Movimento dos Atingidos por Barragens e com o Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

Confira a agenda de Peregrinação da Imagem de Aparecida à Região Oeste da Arquidiocese de Mariana

Período	Paróquia	Cidade
09/08 a 16/08	São José	Joselândia
16/08 a 23/08	Nossa Senhora da Glória	Caranaíba
24/08 a 28/08	Nossa Senhora Mãe da Igreja	Congonhas
28/08 a 01/09	São José Operário	Congonhas
01/09 a 07/09	Nossa senhora da Conceição	Congonhas
07/09 a 14/09	Basílica do Senhor Bom Jesus	Congonhas
15/09 a 20/09	Sagrada Família	Ouro Branco
20/09 a 25/09	São José Operário	Ouro Branco
25/09 a 30/09	Divino Espírito Santo	Ouro Branco
30/09 a 06/10	São Sebastião	Monsenhor Izidro
06/10 a 12/10	Santo Antônio	Ouro Branco
13/10 a 19/10	São Brás	São Brás do Suaçui
19/10 a 26/10	Nossa senhora da Conceição	Jeceaba
26/10 a 01/11	Nossa Senhora das Brotas	Entre Rios de Minas
02/11 a 08/11	Basílica do Sagrado Coração de Jesus	Conselheiro Lafaiete
08/11 a 12/11	Bom Pastor	Conselheiro Lafaiete
13/11 a 15/11	Santa Terezinha	Conselheiro Lafaiete
16/11 a 21/11	São Sebastião	Conselheiro Lafaiete
21/11 a 27/11	Santo Antônio	Itaverava
27/11 a 29/11	Reitora São Judas Tadeu	Conselheiro Lafaiete
29/11 a 08/12	Nossa Senhora da Conceição	Conselheiro Lafaiete
09/12 a 12/12	Nossa Senhora de Lourdes	Conselheiro Lafaiete
12/12 a 16/12	São João Batista	Conselheiro Lafaiete
16/12 a 21/12	Nossa Senhora da Luz	Conselheiro Lafaiete



Grito pela vida

O 21º Grito dos Excluídos, que acontece em todo o país no dia 7 de setembro, traz como objetivo geral “valorizar a vida e anunciar a esperança de um mundo melhor”. Interpela-nos a criar ações que levem as pessoas a assumirem as lutas populares contra as injustiças e todos os males causados pelo sistema capitalista vigente no país.

Quatro objetivos específicos ajudam a compreender melhor esta meta do Grito que, em nossa Arquidiocese, é celebrado na cidade de Congonhas: 1. Defender a vida em todas as suas dimensões; 2. Construir espaços e ações de participação fazendo dos excluídos sujeitos de sua libertação; 3. Exigir do Estado o acesso aos direitos básicos a uma vida com dignidade e 4. Cobrar do Estado auditoria da dívida externa.

Esta tarefa é exigente e só logrará êxito com a adesão maciça da população. A Igreja tem, nesse contexto, papel importante e insubstituível, cabendo-lhe mostrar aos cristãos a dimensão política de sua fé que os leva à opção pelos pobres que “está implícita na fé cristológica naquele Deus que se faz pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza”, conforme diz Bento XVI. Por isso, discutir o tema do Grito e participar de sua manifestação nas ruas deveria ser compromisso de todos os cristãos, em particular dos agentes pastorais e movimentos de Igreja: cate-

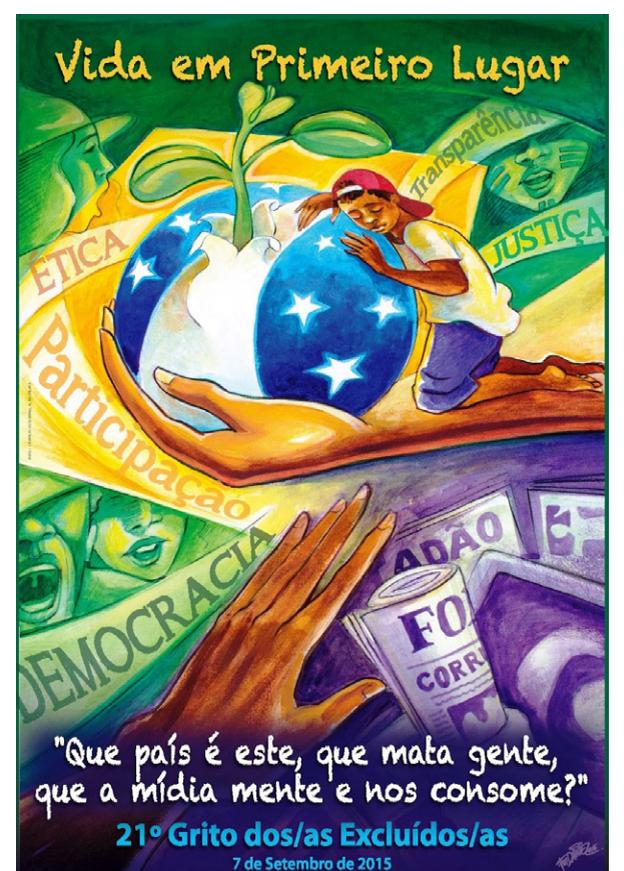
quistas, equipes de liturgia, juventude, grupos de reflexão, RCC, ECC, Novas Comunidades etc.

Para iluminar o tema do Grito – *Vida em primeiro lugar* – seus organizadores nos provocam com uma pergunta intrigante: “Que país é este, que mata gente, que a mídia mente e nos consome?”. Pelo menos quatro aspectos sobressaem nessa pergunta. 1. O Estado que temos; 2. A violência em suas mais variadas formas; 3. O papel e a atuação da mídia, aí incluída a democratização da comunicação; 4. As consequências de um sistema que tem o lucro e o mercado como centro em detrimento da pessoa.

O Grito se reveste de sentido neste momento em que o Brasil passa por uma grave crise com o iminente o risco de se perderem conquistas alcançadas nos últimos anos. Desemprego e inflação não são retórica de discurso de oposição, mas uma realidade cujas consequências já se fazem perceber. E, nesse momento, a corda se estica, sobretudo, para os pobres, excluídos, trabalhadores.

Em seu discurso aos Movimentos Populares, na Bolívia, o Papa Francisco nos conclama a lutar por mudanças a fim de que todos, especialmente, os pobres tenham terra, teto e trabalho. “A Igreja não pode nem deve ficar alheia a este processo no anúncio do Evangelho”, diz o papa.

Participar do Grito dos Excluídos é anunciar o Evangelho com vistas a provocar as mudanças de que nossa sociedade precisa a fim de que a vida esteja em primeiro lugar. Por que temos, então, tanta resistência em participar do Grito?



Pe. Geraldo Martins
Coordenador de Pastoral

Dom Geraldo preside missa pelos 25 anos da diocese de Colatina

Em comemoração aos 25 anos de instalação da diocese de Colatina (ES), o arcebispo de Mariana, dom Geraldo Lyrio Rocha, presidiu missa, em julho, em ação de graças pelo aniversário da diocese. A missa foi concelebrada pelo bispo de Colatina, dom Joaquim Wladimir Lopes Dias; e pelo bispo emérito, dom Décio Sossai Zandonade. Dom Geraldo Lyrio Rocha foi o primeiro bispo

de Colatina.

Em sua homilia, o arcebispo fez uma oração em louvor e agradecimento ao jubileu de prata da diocese que ajudou a fundar. “Eu te louvo, ó Pai, porque o papa São João Paulo II criou esta diocese. Eu te louvo e agradeço por me conceder a graça de ser o primeiro bispo desta porção querida do rebanho do Senhor. É inesquecível aquela tarde de 15 de julho de

1990, quando era instalada esta diocese e eu dela tomava posse na presença do núncio apostólico e dos demais bispos que aqui vieram para aquele momento tão solene. Vinte e cinco anos se passaram”, rezou. O Ano Jubilar na diocese de Colatina será encerrado em 21 de novembro deste ano, no Santuário Diocesano Nossa Senhora da Saúde, em Ibirapu.

Diocese de Colatina



Arquidiocese envia ajuda às vítimas de terremotos do Nepal

A Arquidiocese de Mariana promoveu, nos dias 30 e 31 de maio, uma coleta em favor das vítimas dos terremotos do Nepal, que aconteceram nos dias 25 de abril e 12 de maio, e deixaram mais de 8 mil mortos.

A coleta fez parte da Campanha “Solidariedade ao Nepal – Socorro às famílias vítimas do terremoto”, promovida pela Cáritas Brasileira e pela CNBB. A Arquidiocese de Mariana arrecadou R\$ 64.438,02, que foram destinados às necessidades urgentes do Nepal.

Segundo o coordenador Arquidiocesano de Pastoral, padre Geraldo Martins, essas coletas demonstram, antes de tudo, a

solidariedade das comunidades eclesiais da arquidiocese com a realidade de sofrimento do povo do Nepal. “Coletas como essa revelam que nossas comunidades não ficam indiferentes às catástrofes que atingem determinadas populações como, nesse caso específico, o povo do Nepal. Expressam também a comunhão eclesial, considerando que se trata de uma ação de toda a Igreja no Brasil”.

A Campanha de Solidariedade realizada no Brasil continua com o apoio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Cáritas Brasileira. Informações da Caritas Internacional afirmam que ainda existem 2,8 milhões de pes-

soas necessitando de assistência na região e que as doações ainda podem ser realizadas.

Conic

Outra coleta importante realizada na arquidiocese nasceu como ação concreta da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, no dia 24 de maio. O valor arrecadado, R\$ 11.197,85, foi repassado ao Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic). “Essa coleta é fruto de uma ação mais organizada que resultou na Novena de Pentecostes pela Unidade dos Cristãos, realizada pela maioria das paróquias de nossa arquidiocese”, explica padre Geraldo.

GIRO RÁPIDO

CONGRESSO MISSIONÁRIO

Quinze crianças e adolescentes, acompanhadas por seis assessoras, representaram a Arquidiocese de Mariana no IV Congresso da Infância e Adolescência Missionária (IAM), realizado em julho, em Caratinga (MG). O encontro, que reuniu cerca de 300 pessoas, teve como tema “IAM e Educação” e o lema: “E todos os que o ouviam ficavam maravilhados com a beleza de suas respostas”, (Lc 2, 47).

Durante o congresso aconteceu a posse da nova coordenadora estadual da IAM, Maria Julia Tempesta Baratti, da diocese de Campanha (MG). Maria Julia assume a coordenação com a missão de preparar a realização do 5º Congresso Estadual da IAM, na diocese de Campanha, em 2017. Segundo a representante da IAM, da Região Norte da Arquidiocese de Mariana, Iva Fernandes, as crianças retornaram do evento bastante animadas. “Foi muito bom o Congresso. As crianças se integraram a outras crianças e reavivaram o ardor missionário. Todas voltaram muito animadas, cheias de ideias e sugestões”.

JMJ 2016

Estão abertas as inscrições para a Jornada Mundial da Juventude de 2016, que se realizará em Cracóvia, na Polônia, de 26 a 31 de julho. Faltando exatamente um ano para o evento, o Comitê Organizador ativou o sistema que foi desenvolvido em parceria com o Pontifício Conselho para os Leigos. Para se inscrever, é preciso acessar a página oficial da JMJ Cracóvia e clicar na opção “Participe”. Assim, os interessados serão redirecionados para o questionário de inscrição, que estará disponível em cinco idiomas: polonês, inglês, italiano, francês e espanhol. O endereço eletrônico é o <https://register.wyd.va/Welcome/>.

DIÁCONOS E ESPOSAS

A Arquidiocese de Mariana realizou, no mês de julho, no Seminário São José, em Mariana, o primeiro Retiro Espiritual para Diáconos e Esposas, com o tema “O Rosto da Misericórdia de Deus”, antecedendo assim o aprofundamento do ano da Misericórdia, proposto pelo Papa Francisco em 2016.

O reitor do Seminário São José, padre Valter Magno de Carvalho, foi o pregador do encontro. Em sua fala ele conduziu os participantes a uma reflexão mais profunda sobre o tema a partir da vida de cada um, levando a uma interiorização com Deus em sua infinita Misericórdia. “É preciso inserir tudo o que vivemos no amor de Deus; pois todas as ações de Jesus são de misericórdia”.

ENCONTRO DE CEBs

O 29º Encontro Arquidiocesano de CEBs, que será realizado entre os dias 21 a 23 de agosto, em Alto Rio Doce, Região Pastoral Mariana Sul, deve reunir 150 participantes, vindos das cinco regiões pastorais da Arquidiocese de Mariana. O Encontro terá como tema “50 anos do Vaticano II” e lema “De repente nossa vista clareou”.

Entre os objetivos do evento destaca-se rever a caminhada, à luz do Concílio Vaticano II e descobrir no Concílio, uma fonte de transformação, explorando as riquezas que ainda não foram trabalhadas.

SEFORC

Aconteceu, no mês de julho, a 23ª edição da Semana de Formação de Catequese (SEFORC) da Arquidiocese de Mariana. Realizada no Seminário de Filosofia, em Mariana, a semana deixou como legado o amadurecimento da concepção da catequese na Arquidiocese. Nesta edição cerca de 90 catequistas, vindos das cinco regiões pastorais, estiveram presentes. Segundo a coordenadora da SEFORC, Claudia Susana Cristino, a semana foi muito importante para os catequistas. “Essa é uma oportunidade dos participantes aprenderem e conhecerem mais sobre o trabalho catequético na arquidiocese, além de saber o que a Igreja pede e o que deve ser feito no trabalho de evangelização”.

ASSINE O JORNAL

PASTORAL

Entre em contato conosco
pelo telefone (31) 3557-3167
ou mande um email
para assinaturaspastoral@gmail.com

arquidiocese de
mariana

Muito além do “verde”

Papa Francisco surpreende o mundo com a encíclica sobre o meio ambiente “Louvado Sejas” (*Laudato Si’*). Nela, ele ultrapassa e muito o tratamento dado a questões ambientais pelos chefes de estado. Atrela desigualdade social ao meio ambiente e deixa clara uma postura anticapitalista. Chamado pela opinião pública de “Encíclica Verde”, o texto é o que poderíamos chamar de multicolor, tem como subtítulo “Sobre o cuidado da casa comum”, trata do homem e do planeta em toda sua abrangência e mostra o caminho para um mundo mais justo com o planeta e com os seres humanos.



“Os pobres e a terra estão bradando: Senhor, tomai-nos sob o vosso poder e a vossa luz, para proteger cada vida, para preparar um futuro melhor, para que venha o vosso Reino de Justiça, paz, amor e beleza. Louvado sejas! Amém.” Estes são os últimos versos da *Oração pela Nossa Terra*, que finaliza o texto da encíclica *Louvado Sejas (Laudato Si’)*, escrita pelo Papa Francisco e divulgada pelo Vaticano no dia 18 de junho. O texto, recebido com extrema surpresa por toda a comunidade mundial, foi escrito sob o pano de fundo da defesa do meio ambiente. Não ficou no lugar comum em que muitos líderes mundiais e ambientalistas estão por anos: o de fazer a defesa do meio ambiente como um ser autóctone, que habita um local específico onde nasceu e não sofre com interferências de outros.

O Papa Francisco foi além e buscou no santo que carrega no nome, a inspiração para uma ecologia maior. “Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior (*Laudato Si’ 10*)”.

O Papa buscou em São Francisco inspiração e, em alguns de seus amigos em várias partes do mundo, propostas que ajudaram na confecção do surpreendente documento. Um deles, o bispo do Xingu, dom Erwin Kräutler (*foto ao lado*). Morador de Altamira (PA) e presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Dom Erwin esteve com o Papa, em audiência particular, no início de abril deste ano. Na ocasião, Dom Erwin alertou Francisco sobre a destruição em curso da Floresta Amazônica e dos ataques sofridos pelos povos indígenas. “Disse a ele que os povos indígenas só irão sobreviver física e culturalmente se permanecerem no seu habitat tra-

dicional que hoje é ameaçado pelos grandes projetos governamentais, pelas empresas mineradoras, madeireiras e pelo agronegócio”, afirma dom Erwin.

Francisco, ao ouvir as palavras do bispo, confessou que estava preparando uma encíclica sobre ecologia e prontamente convidou dom Erwin para colaborar. “O Papa pediu-me então que colaborasse enviando alguma contribuição minha neste sentido o que, voltando ao Brasil, imediatamente fiz. Ao ler agora a Encíclica, deparo-me com vários números do documento em que o Papa levou em conta os nossos anseios e angústias”, explica o bispo do Xingu. “Considero um grande privilégio o Papa Francisco me conceder uma audiência particular. Devo-o de certa maneira ao cardeal dom Claudio Hummes que é presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia de que sou secretário. Ele me incentivou a solicitar essa audiência nesta minha função e na qualidade de presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Foram vinte minutos inesquecíveis. O Papa parecia ter todo o tempo à disposição. Foi muito cordial e fraterno. Descrevi a realidade da Amazônia e as condições em que vivem os seus povos. Referi-me primeiro às nossas comunidades e lamentei que por causa da acentuada escassez de ministros ordenados só têm acesso à eucaristia algumas vezes ao ano”, disse dom Erwin.

Agência Brasil



Ecologia Integral

Para a maioria dos especialistas, ambientalistas, sociólogos, teólogos e antropólogos, a principal chave de leitura da Encíclica é a questão da Ecologia Integral. Em quase todo o documento, Francisco retorna ao conceito e às ideias de que tudo está interligado e por isso a questão ambiental não deve ser tratada de maneira isolada. Para Francisco, só entendendo a integralidade do mundo seremos capazes de ter uma relação de igualdade com todos os seres vivos. “Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude. A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio. (*Laudato Si’ 11*)”

Moema Miranda é antropóloga e diretora do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – Ibase. Participou, em julho, da conferência sobre a Encíclica *Laudato Si’*, intitulada “As pessoas e o Planeta em primeiro lugar: imperativo mudar de rumo”. O encontro, realizado no Vaticano, foi promovido pelo Pontifício Conselho da Justiça e da Paz junto com a Aliança Internacional das Organizações Católicas para o Desenvolvimento - CIDSE. Para ela, esta é a primeira vez que a visão integrada de meio ambiente é exposta com tanta clareza. “A Encíclica é histórica por muitos de seus aspectos. Certamente, entre estes, destaca-se o fato de ser o primeiro documento pontifício a adotar uma perspectiva sistêmica, holística, como chamou atenção Roberto Malvezzi, da Comissão Pastoral da Terra - CPT. Após dois mil anos de dualismo, pela primeira vez uma perspectiva sistêmica e integrada é afirmada com tanta clareza em um documento da Igreja: ‘tudo está interligado com tudo’ (*Laudato Si’ 16*)”, diz a antropóloga alertando ainda para uma severa crítica ao que ela chama de *antropocentrismo exacerbado*. “Partindo destas premissas (da Ecologia Integral), a *Laudato Si’* desafia o lugar que comumente atribuímos à espécie humana na cultura ocidental. Ao adotar uma perspectiva sistêmica, reconhece que somos parte da comunidade da vida: ‘nós mesmos somos terra (cf. Gên. 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos.’” (*Laudato Si’ 2*)

Em artigo no jornal americano *The Huffington Post*, o ex-pesquisador da Nasa e professor emérito da Virgínia, Dave Pruett, avança nesta direção ao analisar o conceito de Ecologia Integral, descrito pelo Papa na *Laudato Si’*. Segundo ele, “a ecologia integral também reverte os atuais paradigmas econômicos, seja o capitalista ou o socialista. Ela concebe uma esfera econômica que serve às necessidades legítimas de indivíduos e sociedades em vez de explorá-los para servir às necessidades artificiais da economia. E ela exige que a economia respeite os limites finitos do mundo natural. (...) A ecologia integral começa com o reconhecimento de que a humanidade, hoje, enfrenta uma crise existencial em múltiplas frentes: a disparidade econômica extrema, o aumento da competição por recursos (incluindo a terra e a água), um mundo natural severamente degradado, Estados-nação falidos e um clima à beira de sair do controle.”

O teólogo Leonardo Boff é autor de uma imensa obra sobre temas ambientais. Para ele, o Papa Francisco estabelece um novo paradigma na construção

de uma consciência ecológica e humana. “Na sua ecologia integral (o Papa) vê todos os fatos e fenômenos interligados. Ofender a Terra é ofender o ser humano que também é Terra, como diz o Papa, citando o Gênesis. A voracidade produtivista e consumista produz duas injustiças, uma ecológica, degradando os ecossistemas, e outra social, lançando na pobreza e na miséria milhões de pessoas. O Papa denuncia essa conexão causal. Por isso propõe uma mudança de paradigma no relacionamento entre todos, que seja mais benevolente para com a natureza e mais justo para com os seres humanos e todos os demais seres que habitam a casa comum”, explica.

Boff afirma ainda que a análise deriva de um dado teológico. “A visão da ecologia integral é sistêmica, integra todas as coisas num grande todo dentro do qual nos movemos e somos. Deste nexos de relação de todos com todos, o Papa o faz derivar de um dado teológico. Deus-Trindade é por essência relação eterna e simultânea entre as três divinas Pessoas. Se Deus-Trindade é relação, então tudo no universo é também relação”.

Ainda segundo o teólogo, é preciso que as pessoas e instituições reflitam muito sobre a Encíclica, a fim de entendê-la corretamente, uma vez que os conceitos utilizados atualmente, estão estabelecidos em paradigma diferente do que o Papa propõe. “Receio que ela não seja entendida pela grande maioria, colonizada mentalmente apenas pelo discurso antropocêntrico de ambientalismo dominante nos meios de comunicação social e infelizmente nos discursos oficiais dos governos e das instituições internacionais como a ONU. Como o novo paradigma sugere, todos formamos um grande e complexo todo. Há uma rede de relações que perpassam todos os seres, ligam e religam todas as ordens. (...) Isso implica entender que a economia tem a ver com a política, educação com a ética, ética com a ciência. Todas as coisas relacionadas se entrelaçam para existir, subsistir e continuar neste mundo. Essa visão é absolutamente nova nos discursos do magistério, ainda refém do velho paradigma que separava, dicotomizava, atomizava e dividia a realidade em compartimentos. Em função desta visão distorcida, para cada problema tinha a sua solução específica sem dar-se conta de sua incidência nas outras partes que podia ser maléfica.”

Neste sentido, o Papa Francisco traz todas as questões relativas ao homem e o planeta para o centro das discussões e estabelece o bem comum como um princípio fundamental para a manutenção da vida na terra. “A ecologia integral é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social. É «o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição» (*Laudato Si'*, 156). Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres. Esta opção implica tirar as consequências do destino comum dos bens da terra, mas – como procurei mostrar na exortação apostólica *Evangelii gaudium* [123] – exige acima de tudo contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé. Basta observar a realidade para compreender que, hoje, esta opção é uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum. (*Laudato Si'* 158)

Para além do sol

Ao final da Encíclica, o Papa Francisco afirma: “No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama. Não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque Se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado! (*Laudato Si'* 245)”

O texto completo da Encíclica do Papa Francisco está disponível no site do Vaticano: www.vatican.va.

Reprodução Giotto di Bondone



São Francisco de Assis: inspiração para a ideia de ecologia integral proposta pelo Papa

Jesus disse que os lírios dos campos se vestem esplendidamente bem e que os passarinhos se fartam de alimentos (cf. Mt 6,26-30). Se o ser humano respeitar a natureza, ela o recompensará com uma vida de alta qualidade.

As grandes empresas, conduzidas pela ganância insaciável de grandes empresários, investem cada vez mais na produção de impiedosos venenos. A multiplicidade de inseticidas e herbicidas está provocando a morte de milhares de espécies vegetais e animais. Muitas doenças desconhecidas e incuráveis martirizam a espécie humana. A biodiversidade da flora é uma esperança da descoberta de cura para doenças incuráveis. Porém, a redução das espécies do reino vegetal, compromete a esperança de vida longa e saudável do reino animal, sobretudo do ser humano.

Mais triste ainda é que muitas pessoas de bem, produtores da agricultura familiar, se deixam levar pela “lei do menor esforço”. A falta de mão-de-obra, a desproporção entre os gastos para produzir e a ausência de lucro, ou prejuízos na comercialização do produto, leva o trabalhador rural a se tornar presa fácil dos inescrupulosos produtores de veneno, levando à morte a mãe terra. Deus deu ordem de cuidar da terra e não de envenená-la. É possível trabalhar a terra sem danificá-la. Por outro lado, é necessário buscar todos os recursos para cultivar a terra sem necessitar do fogo. Tudo que a terra produz e não serve ao ser humano, pode servir aos animais e pode fertilizar a terra.

O Papa Francisco, como sempre, surpreendendo! Dia 16 de junho lançou mais uma encíclica (carta pastoral) com o título, “Louvado sejas”, inspirado em São Francisco de Assis, de quem adotou o nome. Esta carta é um grande louvor ao Deus Criador. Louvado seja o Criador que nos concedeu a terra mãe e irmã que cuida de quem dela cuida (Louvado sejas, 1). Nela a gente mora, é a nossa casa comum.

Ninguém gosta de casa suja: é feio, é vergonhoso e perigoso. Sujeira provoca a geração de micróbios, que geram doenças, que fazem a gente sofrer e pode até nos matar: isso não queremos. Então é preciso cuidar da casa pequena, a casa da família. E cuidar também da casa grande, a casa comum, da grande família de sete bilhões de pessoas.

Como é bonita uma casa arrumada! Os móveis nos seus devidos lugares e sem poeira; o chão limpo; as camas arrumadas; as roupas limpas e guardadas. Que pena que muitas famílias são tão pobres que não têm casa digna! Como fazem falta: governantes responsáveis e uma comunidade organizada!

E a cidade? Imagina como é bonita uma cidade limpa! De distância em distância tem uma lixeira. Como faz bem ver um povo educado, que não joga lixo no chão! Como é bonito ver as pessoas ajudando muita gente a ser educada, bondosa, solidária, justa! Pais que educam os filhos para conviver e bem viver, respeitando o semelhante e o diferente: amando as pessoas! Queremos ver as crianças felizes, alimentando os animais e admirando as flores! Pois o livro sagrado disse que “Javé Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para que o cultivasse e guardasse”(Gn 2,15).

Louvado seja Deus pelas escolas que educam para a paz, a solidariedade, o respeito! Que formam homens e mulheres para cuidar bem da casa comum, o planeta terra. Louvado seja Deus pelas Igrejas que educam na fé do Deus Criador e formam cidadãos e cidadãs na ética!

O Papa Francisco, como bom pastor, pai e amigo, aconselha os governantes dos países do Norte e os grandes empresários a reconsiderar sua arrogância, sua ganância que os torna cegos diante do mal que causam aos países do Sul, aos pobres da terra, comprometendo a vida do planeta, a casa de todos.

Louvado seja Deus pelos que cuidam da água e da terra, o jardim de Deus dado aos homens e às mulheres.

Pe. Luiz Faustino dos Santos
Barão de Cocais / MG

Vamos construir um modelo mais justo

Vaticano.va

Papa Francisco fala aos movimentos sociais na Bolívia e insere definitivamente questões relativas à justiça social na pauta de debates da Igreja Católica e líderes mundiais.

O mês de julho foi marcante para a Igreja Católica na América Latina. O Papa Francisco, em visita à Bolívia, Equador e Paraguai, fez um discurso forte e direto quanto à necessidade de mudanças urgentes no modelo de desenvolvimento global que explora o pobre e causa ainda mais pobreza. Denunciou a “lógica do lucro a todo o custo, sem pensar na exclusão social” e fez duras críticas ao monopólio dos meios de comunicação. O discurso foi feito aos cerca de 1500 representantes de movimentos sociais de mais de 40 países, reunidos em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. Mas a importância, a intensidade e o significado de suas palavras ressoaram forte nos quatro cantos do planeta. Veja alguns trechos do discurso do Papa.

Terra, teto, trabalho

Logo no início de suas palavras, Francisco falou sobre sua alegria em saber que a Igreja Católica estava se sentindo mais próxima dos movimentos populares e fez um apelo: “Muito me alegro por isso! Ver a Igreja com as portas abertas a todos vós, que se envolve, acompanha e consegue sistematizar em cada diocese, em cada comissão ‘Justiça e Paz’, uma colaboração real, permanente e comprometida com os movimentos populares. Convido a todos, bispos, sacerdotes e leigos, juntamente com as organizações sociais das periferias urbanas e rurais a aprofundar este encontro. (...) A Igreja não pode nem deve ser alheia a este processo no anúncio do Evangelho. Muitos sacerdotes e agentes pastorais realizam uma tarefa imensa acompanhando e promovendo os excluídos em todo o mundo, ao lado de cooperativas, dando impulso a empreendimentos, construindo casas, trabalhando abnegadamente nas áreas da saúde, desporto e educação. Estou convencido de que a cooperação amistosa com os movimentos populares pode robustecer estes esforços e fortalecer os processos de mudança. (...) A Bíblia lembra-nos que Deus escuta o clamor do seu povo e também eu quero voltar a unir a minha voz à vossa: terra, teto e trabalho para todos os nossos irmãos e irmãs. Disse-o e repito: são direitos sagrados. Vale a pena, vale a pena lutar por eles. Que o clamor dos excluídos seja escutado na América Latina e em toda a terra.”



Mudança real

Conclamando todos a uma mudança no que chamou de “matriz global”, o Papa deixou claro que o sistema atual é “insuportável”. “Queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas. Este sistema é insuportável: não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos.... E nem sequer o suporta a Terra, a irmã Mãe Terra, como dizia São Francisco. Queremos uma mudança nas nossas vidas, nos nossos bairros, no vilarejo, na nossa realidade mais próxima; mas uma mudança que toque também o mundo inteiro, porque hoje a interdependência global requer respostas globais para os problemas locais. A globalização da esperança, que nasce dos povos e cresce entre os pobres, deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença”.

Dinheiro e ambição

Para o Papa, um dos motores que impulsionam tanto sofrimento e desigualdade no mundo é a ambição desenfreada de dinheiro. “Está-se a castigar a terra, os povos e as pessoas de forma quase selvagem. E por trás de tanto sofrimento, tanta morte e destruição, sente-se o cheiro daquilo que Basílio de Cesareia chamava ‘o esterco do diabo’: reina a ambição desenfreada de dinheiro. O serviço ao bem comum fica em segundo plano. Quando o capital se torna um ídolo e dirige as opções dos seres humanos, quando a avidez do dinheiro domina todo o sistema socioeconômico, arruína a sociedade, condena o homem, transforma-o em escravo, destrói a fraternidade inter-humana, faz lutar povo contra povo e até, como vemos, põe em risco esta nossa casa comum”.

A economia a serviço dos povos

“Os seres humanos e a natureza não devem estar ao serviço do dinheiro. Digamos NÃO a uma economia de exclusão e desigualdade, onde o dinheiro reina em vez de servir. Esta economia mata. Esta economia exclui. Esta economia destrói a Mãe Terra. A economia não deveria ser um mecanismo de acumulação, mas a condigna administração da casa comum. (...) É uma economia onde o ser humano, em harmonia com a natureza, estrutura todo o sistema de produção e distribuição de tal modo que as capacidades e necessidades de cada um encontrem um apoio adequado no ser social. Vós – e outros povos também – resumis este anseio de uma maneira simples e bela: ‘viver bem’. Esta economia é não apenas desejável e necessária, mas também possível. Não é uma utopia, nem uma fantasia. É uma perspectiva extremamente realista. Podemos consegui-la. (...) Existe um sistema com outros objetivos. Este sistema atenta contra o projeto de Jesus”.

Continuar na luta

“O futuro da humanidade não está unicamente nas mãos dos grandes dirigentes, das grandes potências e das elites. Está fundamentalmente nas mãos dos povos; na sua capacidade de se organizarem e também nas suas mãos que regem, com humildade e convicção, este processo de mudança. Estou convosco. Digamos juntos do fundo do coração: nenhuma família sem teto, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhum povo sem soberania, nenhuma pessoa sem dignidade, nenhuma criança sem infância, nenhum jovem sem possibilidades, nenhum idoso sem uma veneranda velhice. Continuai com a vossa luta e, por favor, cuidai bem da Mãe Terra. Rezo por vós, rezo convosco e quero pedir a nosso Pai Deus que vos acompanhe e abençoe, que vos cumule do seu amor e defenda no caminho concedendo-vos, em abundância, aquela força que nos mantém de pé: esta força é a esperança, a esperança que não decepciona. Obrigado! E peço-vos, por favor, que rezeis por mim.”

Vaticano.va



Família e Evangelização: “Eu vim para servir”

Reprodução

Família, evangelização, serviço. Eis aí três realidades que se interpenetram e nos desafiam no contexto de uma sociedade marcada pelo individualismo, pelo secularismo e, muitas vezes, pela indiferença. Como, num contexto assim, reafirmar o valor da família, assumir o anúncio da fé e resgatar a prática da caridade? Proponho-me apresentar-lhes algumas ideias e pistas que nos ajudem a trilhar caminhos em vista da superação desses desafios.

Família ou famílias?

Um debate posto hoje à sociedade é sobre a definição do que seja família. De conceito consolidado e aceito, chega-se agora, se não à dúvida, a novas concepções desta instituição que, para nós cristãos, tem sua origem no próprio Deus. O documento de Aparecida nos lembra que a família cristã “está fundada no sacramento do matrimônio entre um homem e uma mulher, sinal do amor de Deus pela humanidade e da entrega de Cristo por sua esposa, a Igreja” (DAP 433). O Diretório Nacional da Pastoral Familiar, por sua vez, recorda que, “mesmo antes de ter sido elevado por Cristo à dignidade de sacramento, o matrimônio natural tem propriedades e finalidades que são essenciais tanto para cristãos como para não cristãos” (DPF, n. 52). Portanto, “a defesa que os católicos fazem dos valores do matrimônio cristão é substancialmente aplicável a todo verdadeiro matrimônio natural” (DPF, n. 54).

Qual a missão da família?

Busquemos algumas respostas. Medellin (1968) afirma que à família cabe o dever de formar as pessoas, educar na fé e promover o desenvolvimento. Santo Domingo (1992) mostra que a missão da família é “cuidar, revelar e comunicar o amor e a vida” sendo verdadeira comunidade, caracterizada pela unidade e indissolubilidade, santuário da vida, célula primeira e vital da sociedade, Igreja doméstica (cf. SD 214). Já o Documento de Aparecida apresen-

ta a família como “escola de comunhão, lugar privilegiado de formação dos discípulos missionários de Jesus, fonte de valores humanos e cívicos, lar onde a vida humana nasce e se acolhe generosa e responsavelmente” (DAP, n. 302).

Como se vê, a Igreja sempre colocou, entre as tarefas da família, também a de educar na fé, isto é, a de evangelizar. Por isso mesmo é chamada de Igreja Doméstica: “Na família, como numa Igreja Doméstica, devem os pais, pela palavra e pelo exemplo, ser para os filhos os primeiros arautos da fé e favorecer a vocação própria de cada um, especialmente a vocação sagrada” (LG 11).

Como evangelizar?

São vários os caminhos para concretizar a evangelização. O primeiro deles é o testemunho de vida. Depois há a pregação, a liturgia da Palavra, a catequese, os meios de comunicação, o contato pessoal, os sacramentos, a religiosidade popular. Hoje, fala-se da necessidade de uma nova evangelização. Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco indica os destinatários desta nova evangelização. Em primeiro lugar está “a pastoral ordinária” na qual se encontram “os fiéis que conservam uma fé católica intensa e sincera, exprimindo-a de diversos modos, embora não participem frequentemente no culto”. Depois vêm as pessoas “batizadas que, porém, não vivem as exigências do batismo, não sentem uma pertença cordial à Igreja e já não experimentam a consolação da fé”. São chamadas à conversão. Finalmente, há os que não conhecem Jesus Cristo ou sempre o recusaram. “Muitos deles buscam secretamente a Deus, movidos pela nostalgia do seu rosto, mesmo em países de antiga tradição cristã. Todos têm o direito de receber o Evangelho” (EG, n. 14)

A Pastoral Familiar tem, entre as suas tarefas, a precípua missão de ajudar as famílias a cumprirem sua vocação de evangelizadoras.



Por isso, “é preciso fazer da Pastoral Familiar uma prioridade básica, sentida, real e atuante. Básica, como fronteira da Nova Evangelização. Sentida, isto é, acolhida e assumida por toda a comunidade diocesana. Real, porque será respaldada, concreta e decididamente, no acompanhamento do bispo diocesano e seus párocos. Atuante significa que deve estar inserida numa pastoral orgânica” (SD, n. 64).

Além disso, “para que a família seja escola de fé e possa ajudar os pais a serem os primeiros catequistas de seus filhos, a Pastoral Familiar deve oferecer espaços de formação, materiais catequéticos, momentos celebrativos, que lhes permitam cumprir sua missão educativa. A família é chamada a introduzir os filhos no caminho da iniciação cristã. A família, pequena Igreja, deve ser, junto com a paróquia, o primeiro lugar da iniciação cristã das crianças. Ela oferece um sentido cristão de existência e os acompanha na elaboração de seu projeto de vida, como discípulos missionários” (DAP 302).

“Eu vim para servir”

Um dos laços que unem a família e a evangelização é a caridade, concretizada no serviço gratuito, abnegado e extensivo a todos, especial-

mente os pobres e sofredores. Não há evangelização sem o serviço aos irmãos e o melhor exemplo foi dado pelo próprio Cristo, na última ceia, ao lavar os pés de seus discípulos: “Eu, que sou o Mestre e o Senhor, lavei os seus pés; por isso vocês devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei o exemplo: vocês devem fazer a mesma coisa que eu fiz” (Jo 13,14-15).

Para cumprir sua missão evangelizadora através do serviço, a família precisa ampliar seu olhar e ser uma “igreja doméstica” “em saída, indo em direção às inúmeras realidades que a afetam. É inevitável que faça clara opção por uma cultura da vida; solidarize-se com os diversos rostos de sofredores, “especialmente os resíduos e sobras; contribua para a superação da miséria e da exclusão; assuma seu compromisso no mundo da política; contribua para vida do Planeta a partir de uma consciência ecológica e dê testemunho de vida (cf. DGAE nn. 62-70).

Para refletir:

1. A Pastoral Familiar é uma prioridade em sua paróquia?
2. Que espaços de evangelização precisam do apoio da Pastoral Familiar?
3. Como as famílias tem se organizado para ajudar os mais necessitados?

Este artigo é parte da Conferência proferida pelo coordenador arquiocesano de Pastoral, padre Geraldo Martins, no IV Congresso Arquidiocesano da Pastoral Familiar

“A PALAVRA ESTÁ PERTO DE TI...”

Setembro, para nós, é o “Mês da Bíblia”. Por isso, aproveitamos a oportunidade para apresentar a vocês algumas dicas, que irão nos ajudar na valorização da Bíblia Sagrada.

Mesa da Palavra:

É bom que a Mesa da Palavra seja confeccionada com o mesmo material do altar. Mesmo que não seja, deve transparecer a igual dignidade das duas. É bom que a estante usada pelo(a) animador(a) seja bem simples, de forma que não se confunda com a Mesa da Palavra.

As pessoas, ao entrarem na igreja, devem perceber em destaque essa Mesa, como percebem o altar, a Mesa do Pão. Não precisa muito enfeite, dizeres, símbolos. Deve ser digna e revelar a importância da Palavra de Deus.

Motivar:

Se houver algum comentário antes da liturgia da Palavra, seja breve e apenas para motivar a assembleia para que acolha com atenção e espírito de fé a mensagem que será transmitida. Se necessário, pode-se apresentar uma contextualização do texto bíblico.

Antes de começar o ‘comentário’ ou a leitura, deve-se esperar que todos estejam sentados, já acomodados, prontos para ouvir. No lugar de algum comentário, fica bem um pequeno refrão que motive a escuta da Palavra. Por exem-



Reprodução

plo: “Fala, Senhor, nós queremos te ouvir...”. “Palavra de salvação...”. “Escuta, povo meu, Javé, teu Deus, vai falar...”. “Deixa-me ficar em paz, Senhor, para ouvir tua Palavra...”.

Ao terminar as leituras e a homilia, sugerir ao presidente da celebração que reserve um tempo de silêncio para a interiorização.

Leitores:

Os leitores sejam bem formados e tenham tempo para preparar bem a proclamação. Nunca, jamais sejam chamados na última hora. O ideal é que a equipe de liturgia faça uma escala, de forma que a pessoa saiba com bastante antecedência qual será a leitura que fará e possa preparar em casa.

Na preparação, é fundamental que a pessoa leia várias vezes antes, entenda o sentido do que irá

proclamar, medite e reze a partir daquela palavra. Se tiver qualquer dúvida sobre alguma palavra ou o sentido do texto, pergunte a alguém que possa ajudar.

Quando o texto é lido, meditado, rezado, vivenciado, bem assimilado, não passará apenas pelos olhos e sairá pela boca, mas virá mesmo do coração. O que sai da boca pode parar nos ouvidos, mas o que sai do coração chegará facilmente ao coração da assembleia. É por isso que dizemos que a proclamação deve ser feita de cor, ou seja DE CORAÇÃO.

A proclamação deve ser feita com boa dicção, numa altura que todos possam ouvir bem, com calma, expressando os sentimentos (espanto, admiração, indignação, alegria, tristeza). A gente não passa simplesmente ideias, mas senti-

mentos. Um texto que fala de dor não pode ser lido da mesma forma de um que expressa festa e alegria.

Lecionário

Para as leituras, é importante usar sempre o Lecionário. Ele traz o texto numa linguagem acessível e bonita, com frases distribuídas de tal forma que facilitam a respiração, com fonte (letras) num tamanho bom, com as devidas introduções, além de juntar os versículos que não estão na sequência. Ele é a Bíblia da Liturgia.

Se quiserem fazer a entrada solene da Bíblia, seja feita com o Lecionário. Não faz sentido entrar com a Bíblia e depois deixá-la de lado. O Lecionário pode ser trazido na procissão de entrada ou logo antes da liturgia da Palavra. Neste caso, quem deve trazer é a pessoa que irá proclamar a primeira leitura. Recomenda-se que o Lecionário entre fechado e só se abra quando já está colocado sobre a Mesa da Palavra. Essa mesma recomendação deve ser observada quando se usa o Evangeliário.

Não precisa apresentar o Lecionário para ser aplaudido. O aplauso, quando houver, deve ser para a Palavra proclamada, e não para o livro.

Salmista:

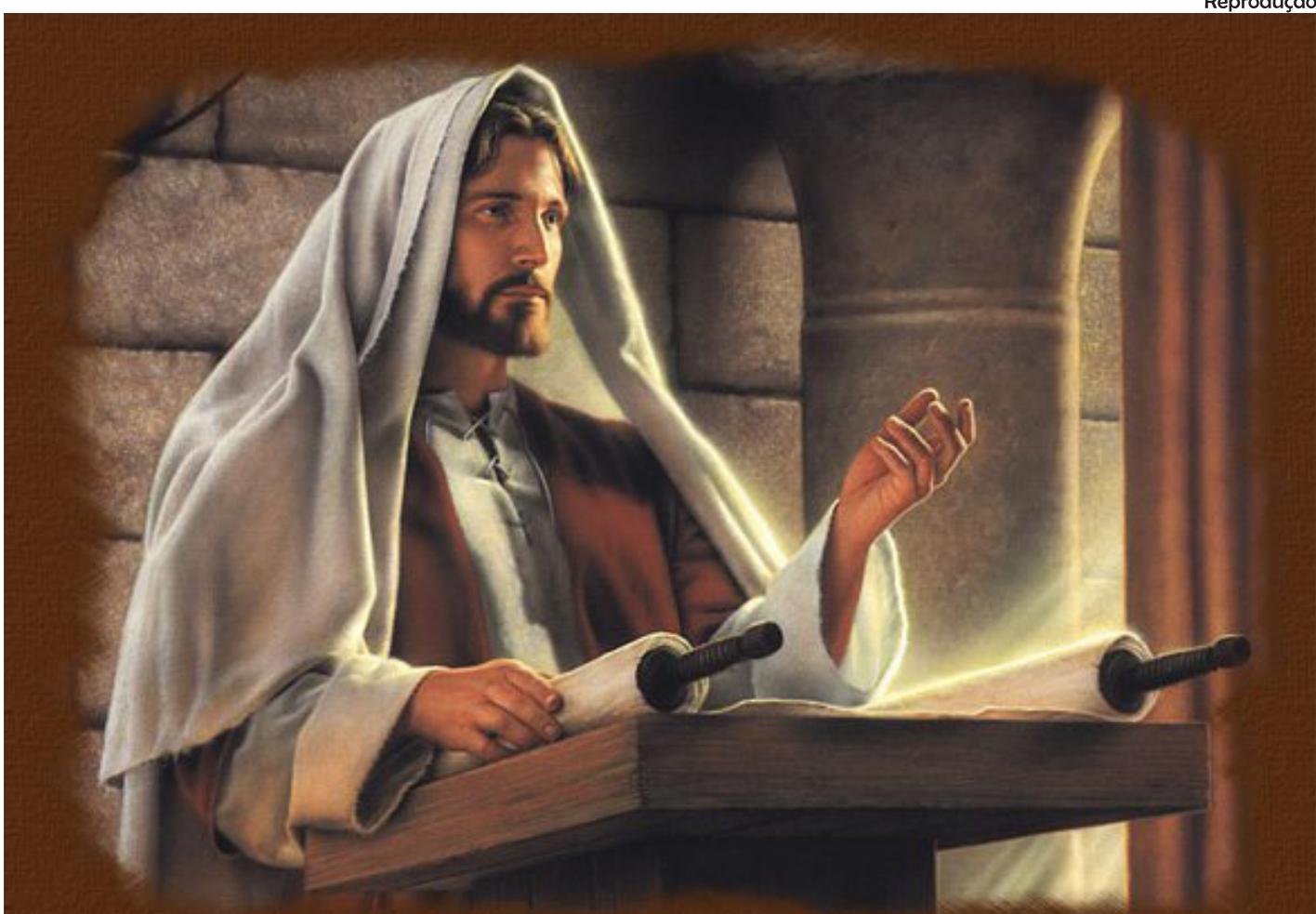
Um ministério importantíssimo é o do(a) salmista. O salmo é uma retomada da primeira leitura em forma de prece e reflexão. De preferência, que seja cantado. Deve ser sempre orante. A voz deve ser suave. O salmo seja acompanhado por poucos instrumentos e que sejam bem suaves. De preferência, só o teclado ou violão. Que o instrumento jamais abafe a voz e a mensagem.

Celebração da Palavra:

Onde e quando não houver a celebração eucarística, que a comunidade faça a celebração da Palavra, que deve ser igualmente preparada com muito carinho e empenho. É importante que toda comunidade tenha a sua celebração dominical, seja da Eucaristia ou da Palavra.

Mês da Bíblia:

A CNBB sugeriu, nos últimos anos, aproveitar o mês de setembro para estudar de um dos evangelistas. Neste ano, o tema proposto é: “Discípulos missionários a partir do Evangelho de João”, com o lema: “Permanecei no meu amor, para dar muitos frutos” (Cf. Jo 15,8-9).



Reprodução

CELEBRAR A PALAVRA

23º domingo do Tempo Comum (6/9)

Leituras bíblicas: Is 35,4-7a / Sl 145 / Tg 2,1-5 / Mc 7, 31-37

A celebração desse domingo seja momento de estímulo e encorajamento. Que as pessoas saiam mais animadas e alegres: *“Criaí ânimo, não tenhais medo!”* Todos e cada um(a) sejam valorizados na celebração. Dar ênfase ao ‘toque’ (aperto de mão, abraço, olhar, sorriso) que cura e faz bem, a quem dá e a quem recebe.

7 de setembro: Dia da Independência do Brasil e celebração do Grito dos Excluídos. Trabalhar bem o tema, *“A vida em primeiro lugar”*, e o lema *“Que país é esse que mata gente, que a mídia mente e nos consome?”* No evangelho do dia, Jesus deixa claro que a pessoa deve estar no centro das atenções. Mais que a lei, que o dinheiro, que o poder, o ser humano é prioridade.

Nesse dia, tem início o Jubileu do Bom Jesus, em Congonhas.

8 de setembro: Festa da Natividade de Nossa Senhora. Vamos valorizar o dia do seu nascimento.

24º domingo do Tempo Comum (13/9)

Leituras bíblicas: Is 50,5-9a / Sl 114 / Tg 2,14-18 / Mc 8, 27-35

“Quem as pessoas dizem que eu sou?... E vocês?” Esta pergunta está no centro do evangelho de Marcos. Ela é determinante. A resposta que damos a ela revela o grau da nossa fé, e dela depende o sentido da nossa vida. Mas, o que é ter fé?! O que significa seguir Jesus?

14 de setembro: Exaltação da Santa Cruz. Celebrar a entrega de Jesus, o sentido da cruz, a importância dos sinais em nossa vida. Como valorizar o ‘sinal da cruz’?

Encerramento do Jubileu do Bom Jesus.

25º domingo do Tempo Comum (20/9)

Leituras bíblicas: Sb 2,12.17-20 / Sl 53 / Tg 3,16 – 4,3 / Mc 9, 30-37

O que não falta em nossa vida são provações. E não faltam também limitações e fraquezas. De que forma elas se manifestam em nós? Como lidar com essa realidade? Até onde vão a nossa fé e a nossa paciência? Quais são os nossos desejos e nossas metas?



26º domingo do Tempo Comum (27/9) – Dia Nacional da Bíblia

Leituras bíblicas: Nm 11,25-29 / Sl 18 / Tg 5,1-6 / Mc 9, 38-43.45.47-48

Pelo batismo, somos unguídos para ser profetas. O Espírito nos dá coragem para denunciar o mal e fazer o bem. Mas, para sermos testemunhas, é preciso cortar o mal pela raiz. Não

vamos cortar os pés e mãos ou arrancar os olhos. Mas há muita coisa que podemos e devemos cortar...

Pe. José Antônio de Oliveira
Cristiano Otoni e Queluzito / MG

Espiritualidade do Catequista

“Depois de nós as flores, depois de nós os frutos. Nosso trabalho é semear, é semear”. Esse é o hino do catequista. Ele retrata que essa é a missão do catequista: semear a Palavra... Semear o amor... Semear o desejo de comprometer-se com a construção do Reino. Ele semeia, mas é Deus quem faz crescer. Agosto é mês das vocações. Vocação é chamado. O verdadeiro e dedicado catequista é aquela pessoa que ama viver e se sente realizada. Como diz Santa Teresa de Jesus ao expressar o sentido do relacionamento, “não é nada mais do que um íntimo relacionamento de amizade a sós com aquele que nos ama”. Assume seu chamado com entusiasmo e como realização de sua vocação batismal. Compromete sua vida em benefício de mais vida para o seu próximo.

O Diretório Catequético Geral n.º 114, diz: “A missão confiada ao catequista exige dele uma intensa vida sacramental e espiritual, o hábito da ora-

ção, o sentido profundo da excelência da mensagem cristã (...) a atitude de caridade, humildade e prudência”. Daí, ser catequista não é exercer um serviço qualquer. É buscar primeiro uma profunda intimidade com o Senhor e depois testemunhar no dia a dia, nas pequenas coisas a beleza desse encontro. O catequista é alguém que deixa o Espírito habitar em sua vida. Sua espiritualidade deve ser alimentada pela Eucaristia e também pela Palavra de Deus, centro de toda a sua ação catequética. É alguém que se deixa modelar pelas mãos do criador. Busca formação; prepara os encontros com carinho e zelo. Age na perspectiva da construção do sujeito para que esse também realize seu encontro pessoal com o Senhor.

O catequista deve ter espiritualidade cristã no sentido de deixar o mesmo Espírito que guiou Jesus, também orientar e moldar a sua vida, pois a maior fonte da espiritualidade é Jesus Cristo. Dele emanam outras fontes: a vida, a Palavra de Deus, a Eucaristia e a missão. Jesus nos diz “Vem e segue-me”. O catequista, como todo verdadeiro cristão será preenchido por Jesus se realmente o seguir sem restrições. É preciso deixar para traz a vida velha do comodismo, irresponsabilidade, medo, consumismo, individualismo, intolerância, injustiça, ganância, falta

de amor e de perdão, para assumir o caminho de Jesus, ou seja, vida nova. “Uma catequese dada com amor e por amor e dada com alegria, suscita no coração do ouvinte a esperança de ser melhor, o desejo de mudar, a aspiração de se converter e se salvar e de ajudar os outros a descobrir este amor” (DCG).

Nesse mundo marcado pela falta de esperança, descrença, disputa de poder faz-se necessário pessoas que estejam preparadas para serem na história semeadores de boas sementes. Por isso, é preciso que o catequista seja competente em sua ação catequética superando a improvisação e a boa vontade (Diretório Nacional da Catequese 270). O catequista precisa de dois ouvidos: um para ouvir o povo. E outro para ouvir a Deus. Catequista é pessoa integrada no seu tempo e identificada com sua gente. É aberta aos problemas reais e com sensibilidade cultural, social e política. Cada catequista assumirá melhor a sua missão à medida que conhecer e for sensível à defesa da vida e às lutas do povo. (DCG 16). Sua ação missionária consiste em levar a mensagem de fé no coração da família do catequizando, como fez Jesus em suas visitas, proclamando o amor e misericórdia de Deus: “hoje a salvação entrou nesta casa” (Lc 19,9).

Que em nossas comunidades, no

dia dedicado a vocação de ser catequista possamos rezar: Somos muito grato, Pai Eterno, por todos os dons concedidos aos teus filhos e filhas e queremos lembrar e agradecer pelo dom dos catequistas em nossas comunidades. Abençoa e proteje todos os catequistas, pois demonstram generosidade e disponibilidade na sua missão, compartilhando seus dons, seus talentos e seu tempo em prol da educação na fé e vida das crianças, dos jovens e dos adultos. Que teu Espírito os ilumine para que possam viver o que ensinam e cheguem ao coração dos catequizandos com ternura para ajudá-los a serem felizes. Ó Pai Eterno, confiaste aos catequistas a missão de anunciar a tua Palavra e de Testemunhar, com a vida, os valores do Santo Evangelho. Ajuda-os nessa grande responsabilidade, pois confiam na tua graça. Dá-lhes perseverança em sua caminhada e desejo de busca constante de formação e atualização. Torna-os, como discípulos missionários, instrumentos de amor, de fé, de paz e de fraternidade. Abençoe os catequistas de nossa Arquidiocese de Mariana e do mundo inteiro. Amém.

Vera Maria Moraes Fontes
Paróquia N. Sra da Assunção
Barbacena/MG



Belezas em redução

“Começou como uma brincadeira de criança, só que aos 60 anos. Não havia essa “fissura” em montar um museu. Mas tinha um objetivo: preservar a memória arquitetônica nacional através da reprodução, em escala reduzida, de monumentos edificados de nosso País”. A declaração é de Carlos Alberto Vilhena que explica como surgiu o Museu das Reduções, localizado no distrito de Amarantina, em Ouro Preto. Filho de Ênnio Vilhena, um dos criadores do Museu, Carlos é o diretor do local que completa 30 anos de existência em 2016.

Criado, projetado e totalmente executado pelos irmãos Vilhena, Ênnio, Décio, Sylvia e Evangelina, o Projeto Redução Centro de Difusão Cultural e Ensino de Artesanato Museu das Reduções é fruto de mais de 25 anos de pesquisas, viagens pelo Brasil, milhares de fotografias, desenhos, cálculos que tiveram início em 1978. Em 1986 foi criada a associação civil de fins não econômicos que deu origem ao Museu composto de 29 réplicas perfeitas de monumentos arquitetônicos localizados em 24 municípios de 15 estados, representando a evolução da arquitetura brasileira ao longo dos últimos cinco séculos.

Graças às suas incríveis habilidades manuais e intelectuais, os irmãos Vilhena, que não possuíam qualquer formação acadêmica na área de engenharia e arquitetura, desenvolveram ferramentas técnicas capazes de transformar grandes monumentos arquitetônicos em pequenas obras de arte. Utilizando-se dos mesmos materiais empregados nas edificações originais, sem produtos sintéticos ou industrializados, foram confeccionadas grades, lampiões, portões, galos, cruzeiros e sinos de igrejas, máquinas e comportas de metais, portas, janelas, balaústres, treliças de madeiras, tudo minuciosamente esculpido a mão, compondo as incríveis fachadas de alvenaria caiadas ou pintadas nas cores originais.

“Visitar este museu foi lindo. É impressionante como as dimensões são exatas e as proporções fazem a gente praticamente entrar nas casas, igrejas e outras edificações. O lugar parece um mundo de fantasia, só que composto por prédios verdadeiros. Conheço alguns destes prédios no ‘tamanho original’ e é de deixar de boca aberta a semelhança. Um patrimônio que deve ser cuidado”, explica a professora Érica Braga, que visitou o Museu pela primeira vez.

Manutenção

E é o cuidado e a manutenção destas obras de arte que têm deixado o diretor Carlos Alberto bastante preocupado. Segundo ele, manter o museu aberto tem um custo alto. “Já chegamos a ter um número de visitantes que mantinha todo o custo de manutenção. Hoje não temos mais. Estamos pensando seriamente em mudar de lugar. Levar o nosso acervo para outra região onde possamos contar com um fluxo maior de pessoas. Atualmente só conseguimos manter as portas abertas por causa de ajudas vindas por meio de leis de incentivo. Mas todo ano temos que correr atrás e nem sempre as empresas estão dispostas a ajudar”, afirma Carlos Alberto, que vem estudando propostas em diferentes regiões de Minas Gerais.

Visitação

O Museu das Reduções fica na rua São Gonçalo, 131, Amarantina – Ouro Preto, MG. Fica aberto diariamente de 9h às 12h e de 13h às 16h, exceto às terças-feiras. Mais informações pelo telefone 31-3353-5182 ou pelo site www.museudasreducoes.com.br.



Casa dos Contos, Ouro Preto



Palácio do Planalto, Brasília



Detalhe da igreja de São Francisco de Assis, em BH